SILVA PINTO

HORAS
DE FEBRE

«Je suis la Vie, l'insupportable, l'implacable Vie!»
«Sue donc, esclave! Vis donc, damné!»
CH. BAUDELAIRE.

LISBOA
IMPRENSA DE JOAQUIM GERMANO DE SOUSA NEVES
65 — Rua da Atalaya — 67
1873

HORAS DE FEBRE

SILVA PINTO

HORAS
DE FEBRE

«Je suis la Vie, l'insupportable, l'implacable Vie!»
«Sue donc, esclave! Vis donc, damné!»
CH. BAUDELAIRE.

LISBOA
IMPRENSA DE JOAQUIM GERMANO DE SOUSA NEVES
65 — Rua da Atalaya — 67
1873

A

MAGALHÃES LIMA

Nas grandes e arduas provações d'uma vida de lucta obscura e no trilhar d'uma escabroza senda, sinto-me animado pela voz serena e inflexivel da consciencia, pela adoração do ideal de justiça e pela força do teu exemplo. Ás *horas de febre* succedem momentos de sombrio desalento e, mais ainda, de sombria duvida. É n'esses momentos dolorozos que a tua voz

austera me anima no cumprimento do Dever. No meu isolamento moral, que não lamento, invoco do fundo d'alma os sentimentos d'um amor fraterno e envio-os ao teu grande coração na dedicatoria singela do meu trabalho humilde.

Silva Pinto.

Lisboa, abril, 1873.

DUAS PALAVRAS

Este livro é uma aberração.

Não busca realizar o ideal preconcebido d'uma fórma artistica, nem representa a analyse fria e serena do Desconhecido, do Mysterioso da vida, na complexidade das suas relações e das suas anormalidades apparentes. É talvez um livro *intimo*. A apreciação d'elle é facil:

—Observar se o titulo é *verdadeiro*.

I

NA HORA FINAL

NA HORA FINAL

Foi ha tres dias, n'um dia como os outros; não me recordo se chovia, ou não, nem julgo necessario prefaciar o que vae lêr-se; é uma pagina arrancada ao livro immenso do viver humano, escripta por vezes sem nexo, não visando aos applausos da critica e não lhe temendo a reprovação: é escripta por um grande explorado, á beira da vala commum.

Foi ha tres dias que recebi a carta do pobre moço de quem fôra amigo. Chegou-me ella ás mãos quando eu me preparava para ir vêl-o no seu quartosito, no alto de um quinto andar. Ainda na vespera do successo terrivel eu passára

pela rua onde *elle* morava e hesitára em subir, ao contemplar de cá de baixo a elevação do albergue do infeliz. Mais uma vez foi sacrificada a amisade á commodidade. Arremece-me a primeira pedra quem não practicou vinte vezes este delicto.

Recebi a carta, ao voltar do meu trabalho, cançado, aborrecido e doente. Conheci a lettra do involucro, rasguei-o negligentemente e li o seguinte:

—«Creio que é praxe estabelecida, meu velho e bom amigo, o deixarmos uma justificação do nosso acto derradeiro quando resolvemos partir antes de terminada a tarefa que nos impoz a mão desconhecida. Eu parto. A justificação tenho-a por escusada, para comtigo, que conheces profundamente o *porque* d'este passo extremo. Aos outros não a devo. Deixar lá os jornaes baratos tripudeando, em nome da religião e da moral, sobre o meu cadaver! Bem sabes tu que não estarei morto á hora em que leres esta carta, por ter lido um capitulo de Werther. Quero ser-te util na minha hora ultima: envio-te esses apontamentos para base d'um trabalho que meditas.

Acabo de me levantar do leito; são quatro horas da manhã; está frio; sinto fortes dores de cabeça; sem embargo de ter de *partir* ás 5 horas, desejára sentir-me alliviado do soffrimento physico, ao menos. A justiça dos homens concede aos condemnados á morte certas regalias no seu final momento. Porque não heide eu tel-as?

O vento está assobiando lá fóra; é a musica da *partida*. No mais, socego absoluto. A creança do lado chorou toda a noute, não me deixando dormir: queria talvez obrigar-me a pensar. Agora calou-se: aguarda a minha resolução.

A creança do lado é nervosa, colerica e debil; é um rapaz. Que destino será o d'elle?—Pobre, fraco, irritavel, de certo orgulhoso... melhor lhe fôra *partir* commigo...

Agitei-me toda a noute no meu leito. Sabes que ha poucos dias perdi meu tio, um tio velho, pobre, meu amigo, prompto a defender-me,—elle, o indefeso,—contra as aggressões que soffria o meu orgulho. Pois bem: no meio da agitação que me dominou em toda a noite, ergui por vezes os olhos e dirigi-os para o fundo do meu quarto: vi-o ali, com os olhos fitos em mim...

Queria talvez ser-me guia ainda na eterna viagem...

Pobre homem! rude, ignorante, mas cheio de bondade, parecia derramar sobre mim a jorros a luz do seu immenso e exclusivo amor! Que d'illusões as suas sobre o meu futuro! Aos sessenta annos cria ainda na probidade recompensada e no respeito pelo infortunio obscuro! Eu digo-te: «pelo infortunio obscuro»; bem sabes que nunca faltam lagrimas sobre um infeliz celebre: é que as carpideiras pedem uma scentelha da celebridade que o desgraçado gosou em vida e é doce distinguir-se no *chorus mysticus* dos *amigos* do gigante que passou...

Pobre homem!—dizia eu,—quantas vezes não o vi enthusiasmar-se ao lêr uns queixumes indignados que, na minha ingenuidade, eu traçava sobre o papel e que tu leste por vezes, sorrindo mysteriosamente! Ah! não eram lamentações em verso lyrico, meu amigo, aquellas que eu punha ali! Eram explosões d'uma indignação profunda; o involucro era de fel, como o fundo; não mirava ás lagrimas do feminino, nem as obtinha; não almejava pelos laureis da celebridade, d'esta ce-

lebridade que vae do café Martinho ao café Suisso: não os obtive; deixa que me congratule n'esta hora da immensa verdade!

E tambem tu me animavas no meu labor... mas tu, na communidade de soffrimento, de aspirações pelo Justo e de crença n'um dia de claridade que ha de vir a este inferno, tu... sabias o que te esperava, o que nos esperava, a nós— pobres rapazes, sem futuro definido, sem pão para dois dias, anemicos, febris, desamparados; *sem um curso*, n'esta terra onde o meu aguadeiro tem um, completo; vivendo do nosso trabalho e roubando ás horas do nosso descanço os momentos do nosso estudo; insultados n'esse trabalho que nos dava o pão; odiados, perseguidos, invejados, pelos nossos companheiros, que suspeitavam a existencia da nossa superioridade moral; alcunhados de *doidos*, de *poetas*—ultimamente inventaram o *petroleiro*,—de *impostores* e de *vizionarios*, por quantos mentecaptos, devassos e hypocritas vão por esta aldeia; atacados ha pouco em o nosso labor honrado, duro e esmagador por um quidam desconhecido, que, á mingua de coragem para ladrão de estrada,

fundou um jornal burlesco; sem familia; longe da época das *santas crenças* que a tantos ampararam; triturados e atropellados n'este inferno de intrigantes sem talento e de nullidades que vão trepando, caminhavamos e insistiamos,—eu a querer illudir a minha fraqueza, o meu enorme desalento; tu a desvendares-me cruelmente e a apontar-me o peior do caminho, que percorriamos para castigo de peccados... não commettidos.

Não vás suppor, amigo, que n'esta hora, já bem diminuida, é o *despeito* que me serve de guia! Não é. É o *desanimo incuravel*, como o classificou Armand Carrel. Despeito, de que? O despeito allia-se á inveja: inveja de quem?—Não sei, não sabes, não sabem todos que cortejam reverentemente S... [1] que este homem passou ao logar importantissimo de... [2] *em recompensa* dos roubos clamorosos, provados pela falta de desmentido ás accusações da imprensa... opposicionista e de parte do publico,—não fallo do publico invejoso—? Não sabes, como eu, como to-

[1] No texto vem os nomes.
[2] No texto vem os logares.

S. P.

dos, que F..., respeitado pelos seus compatriotas, metteu a pique o navio em que trazia uma carregação de escravos—uns trezentos—afim de escapar ao cruzeiro?—Inveja?! De M... chefe de repartição, analfabeto e inhabilitado para dizer-nos como arranjou a sua fortuna? De S...?—De P...?—De todas as lettras do alfabeto applicadas como symbolos de sinistros patifes de todas as condições e officios? Não é a inveja, não, meu velho amigo. É, como te disse,—o desalento.

Se esta carta fosse lida por um bom homem credulo, ou por um dos velhacos aqui esboçados, a resposta—sei eu qual seria: nada menos que a de Mirecourt aos *Miseraveis* de Hugo. Estou ouvindo o homem:—«A sociedade não é composta das aberrações que você nos dá como generalidade,—demagogo audaz!—como o clero não é composto de typos repellentes que os atheos da sua igualha nos indicam como modelo.»—Estou ouvindo o homem.

Para esse deixaria eu como resposta uma pergunta aqui formulada, e é a seguinte:—«Quantos protestos *desinteressados* surgem, durante o anno, do seio d'esta sociedade virtuosa, d'este

clero modelo, contra as torpezas e as infamias clamorosas das taes aberrações?—Resposta franca de porte...»

Creio que estou gracejando e faltam apenas dez minutos... O que é certo, meu amigo, é que parto, por causa da superioridade numerica das *aberrações*.

Ha poucos dias offereceram-me *um logar*. Faça-se justiça: não me deixavam morrer á mingua. Offereciam-me *vinte mil réis mensaes*, o que não é máo para um rapaz como eu. A minha obrigação era esta:—escrever locaes n'um jornal.

Eu traduzo:—elogiar as composições dramaticas dos amigos da casa; atacar a empreza do theatro *tal*, porque não dá entrada aos redactoros; descompor a actriz M... que não attendeu aos rogos do redactor em chefe; dizer das obras de A...—*recebemos e agradecemos;* idem das de B...—*recebemos;* idem das de C...—cousa nenhuma; *fallar* dos livros de sciencia com authoridade dogmatica; isto é: *mais um livro,* etc., *parece-nos um bom livro: vamos ler e fallaremos* (este *fallaremos* é heroi-comico); apoiar a policia quando o chefe é dos nossos, e dar-lhe a

matar em caso contrario; condemnar os suicidas em nome da religião e da moral (jornalistica?); descrever minuciosamente as peripecias do esfaqueamento de Maria Roza por José Maria; fallar do *promettedor engenho* e das *auspiciosas provas* do intelligente e sympathico joven R... que estaciona á esquina da Havaneza; mostrar sobresalto pelo máo estado de saude do rico capitalista T...; fallar dos incendios, da carestia dos ananazes, e fazer espirito com os ladrões...

—Faltam cinco minutos. Tenho alguma febre, pouca. Doe-me menos a cabeça. Começa de novo a gritar a creança do lado.

Resumia-se n'aquillo a minha tarefa; era amena, como vês e parecida com a do Lousteau das *Illusões Perdidas*. Não acceitei, tive vergonha... que queres tu?—São cousas de *doido*, de *visionario*, de *petroleiro*, cousas que tu sabes, como eu...

Estou cançado de escrever. Faltam tres minutos. Vou fechar a carta. Perdoa se não fui despedir-me de ti, mas deves ter notado que ha dois dias, a ultima vez que te vi, foi mais apertado o abraço: estava pensando *n'isto*.

Guarda os meus livros. Vende os outros objectos que me pertencem e dá o producto d'elles aos paes da creança do lado, que são pobres.

Deus! como a creança grita!

É verdade.... e Deus?!......

Oh padres! porque nol-o haveis pintado assim?!.....

Falta um minuto... Estou sereno; já não tenho febre. Calou-se a creança: advinharia o innocente que é contemplado no meu testamento?...

Perdoa a ultima duvida, a ultima, porque de ti não duvido.

Adeus. Está dando a hora.»

....

Nos jornaes de Lisboa lia-se, no dia immediato áquelle em que recebi esta carta, o seguinte:

«Suicidou-se hontem, na sua casa, na rua de S. Joaquim, o sr. Alberto de Freitas, typographo, com um tiro de pistola na cabeça. Parece que o suicida era dado nos ultimos tempos ao abuso das bebidas alcoolicas e que não foram extranhos á sua fatal determinação uns amores mal

correspondidos. Era rapaz de genio extravagante e deixa algumas composições litterarias em varios periodicos da capital. Que o seu triste fim sirva de exemplo aos que se deixam desvairar pelas suggestões de uma descrença reprovada pela religião e pela sociedade.»

. . . .

II

POBRE MORTIMER!...?

POBRE MORTIMER!...?

Não me recordo do emprego d'aquelle dia, nem me lembro porque me achei á noite em frente d'um theatro qualquer, murmurando os ultimos versos de certo soneto de Scarron que termina do seguinte modo:

> Maint poudré qui n'a pas d'argent,
> Maint homme qui craint le sergent,
> Maint fanfaron qui toujours tremble,
>
> Pages, laquais, voleurs de nuit,
> Carrosses, chevaux et grand bruit:
> C'est là Paris, qui vous en semble?

Estava, como disse, em frente d'um theatro. Entrei.

A sala estava repleta de espectadores. Representava-se *Os Solteirões* de Sardou. O espectaculo começára desde muito; applaudia-se com furor.

Olhei para o palco; estava em scena uma actriz semi-nua. O publico applaudia a natureza.

Sentei-me e pensei em Veuillot...

Subito, os applausos irromperam com dupla violencia; absorto na contemplação do lustre, não dera attenção ao espectaculo; voltei-me para o meu visinho da frente e pedi-lhe que me explicasse aquelle delirio.

—Ah! é soberbo, isto! não sabe? Onde diacho tem o senhor a cabeça? É aquella tirada soberba de Mortimer, quando á noite,—noite fria e agreste,—vê todos os homens casados recolhendo-se ao lar domestico, emquanto que elle pensa no seu isolamento moral e soffre tormentos desconhecidos. Palavra! depois d'isto só conheço aquella comediasinha *Je dîne chez ma mère;* sabe?—é de Lambert Tiboust;—Sophia Arnould vê...

—Bem sei.

—Ah!...

Este *ah!* do meu visinho significava uma demonstração de verdadeiro regosijo. Deixei-o entregue a elle e sahi.

A noite estava fria e humida. Não sei porque, assaltou-me a lembrança de Mortimer, ao dirigirme ao meu albergue; olhei ao longo das ruas silenciosas; alguns burguezes caminhavam apressadamente, como que recolhendo-se ao lar domestico.

—Pobre Mortimer!—murmurei,—como elle declama, o infeliz! O *lar domestico?!*... Nem sempre...

Pensei no caso d'aquelle pobre Henrique S...

Foi ha poucos dias; recolheu-se a casa, pensando, caminho do *lar*, com alvoroço, no beijo da esposa e no sorriso infantil da loura Jenny; como que se lhe antepunha em frente do olhar beatifico o quadro do *chá em familia* e o de certo jogo innocente que lhe servia de intervallo entre o chá e o leito; voava caminho de casa enviando um olhar de commiseração aos celibatarios de todos os tempos. Chegou; bateu; demoraram-se em abrir. Afinal appareceu-lhe a creada, tremula e livida; elle pergunta pela mulher,

não lhe respondem; corre, vôa, precipita-se; a porta do quarto estava fechada; elle tem uma chave sua; abre...

Estava lá o João de Sousa, o alferes, aquelle de luneta, que toma café no Martinho, á noite, e que discute o genio de Victor Hugo.

Tableau.

Pobre Mortimer!...

Ha dias, o caso de D. Henriqueta: desposara aquelle vilão de Carlos em despeito da vontade paterna. Ella fôra visitar uma amiga, recolheu-se a casa mais cedo que de costume,—uma enxaqueca,—entra, pé ante pé, gosando antecipadamente a surpresa do marido; abre a porta da alcova e esbarra com Julieta, aquella bailarina morena da Trindade...

Pobre Mortimer!...

E o Julio?! Sáe do theatro com a mulher, ha dois dias; vão de trem; dois varredores que os vêem passar dizem:—«Estes ricassos... não ha mal que lhes chegue.» Muito bem. Chegam a casa:—Como está a menina? já dorme?—a creada soluça. Durante a ausencia de Julio e de sua esposa, a menina, que ficara em casa, pretextan-

do um incommodo passageiro, fugira com um bacharel em philosophia.

Pobre Mortimer!

E a D. Candida? Pobre mulhersita! dava chá a um poeta lyrico-erotico, que lhe comia as torradas, esperando ensejo de seduzir-lhe a sobrinha. Foi ha dois dias. O maldicto publicara uma poesia em que dava a conhecer os pensamentos lubricos que lhe buliam lá dentro; vae lêr a poesia a casa de D. Candida; choram todos; a creada limpa os olhos com o avental; a tia com a manga do vestido; a sobrinha com... cousa nenhuma... o demonio!...

D. Candida vae ao quarto, não sei para que, e julgo conveniente não investigar o facto; esquece-lhe, porém, o lenço; volta á casa do jantar; o poeta estava dentro d'um armario.

A sobrinha... estava... dentro d'um armario...

—Que? do mesmo?

—Justamente: do mesmo. Pobre tia!

Pobre Mortimer!...

. . . .

Foi absorto no relembrar d'estas peripecias da vida do homem civilisado, que subi a escada

do meu albergue. A sós, tentei affastar de mim a lembrança dos criticos de Hugo, dos bachareis em philosophia e dos poetas lyricos: tentei chorar o meu isolamento. Não pude fazel-o...

Pobre Mortimer!...

III

LAGRIMAS

LAGRIMAS

Eu passei junto á janella baixa onde *a* vira dois dias antes ao cair da tarde.

Não estava lá.

Aproximei-me, relanceei os olhos para o interior do quarto e vi-*a* ao fundo, ajoelhada.

Chorava; tinha caidos sobre os hombros os longos cabellos admiraveis e occultava nos dedos emmagrecidos o formoso rosto pallido e triste que eu amára tanto.

Por espaço d'uma hora contemplei-*lhe* as lagrimas. Não ousava dizer-lhe uma palavra...

Esquecera um dia, em tempos já bem distantes, o ideal *mãe*, que não tivera, e o ideal *Deus*,

que não comprehendera, pelo amor dos olhos d'*ella*.

E *Deus*... estava n'aquelles olhos...

Um dia veio um homem, rico, fabulosamente rico e offereceu-lhe mais dinheiro por uma hora de prazer do que eu podera dar-lhe em vinte annos de muito amor.

Ella, pôz d'um lado da balança, talvez na balança enorme em que Deus pesou os crimes do sultão Mourad, o dinheiro d'aquelle homem, e pôz do outro lado o ideal.

Do lado do metal a balança tocou a terra....

Ao fim d'um anno, *ella* foi substituida por uma morena altiva e graciosa, de labios vermelhos e sensuaes.

Ficara-*lhe* nos braços uma creança de tres mezes.

Ella chorou muito. A creança morreu emfim...

E eu estava ali frio e sereno, olhando; e sobre o prazer gelado da minha vingança caíam aquellas lagrimas ardentes...não caíam em vão!...

—O remorso; a lembrança dos dias de ventura; a santificação do soffrimento; a purificação do *seu* delicto...

Eu murmurava assim e sentia lagrimas, ardentes como aquellas, correndo pela minha face fria...

Ella ergueu-se repentinamente; contorceu os braços; ergueu para o vacuo um olhar supplicante e bradou entre soluços: —E o meu chaile de *touquim!?* Nunca mais o porei!...

Pensei n'aquellas palavras sublimes do Mestre: —«Muito lhe será perdoado, porque muito amou.» Ergui os olhos ao ceo e accrescentei em voz baixa: *Os chailes de touquim...*

IV

A LUZ ATRAVEZ O COGNAC

A LUZ ATRAVEZ O COGNAC

—E a Consciencia?... bradou Raphael.

Disse... e bebeu.

Bebeu tres copos de cognac. Ao terceiro copo, subiu-lhe a côr ao rosto pallido e caiu-lhe a cabelleira sobre os olhos.

Era alto, magro, nervoso, anemico, febril. Durante a discussão agitada, que nos demorára no café até ás 11 horas da noute, em redor de uma mesa, conservara-se silencioso, despejando copos, uns apoz outros e deixando perceber no olhar desvairado os progressos d'uma embriaguez sinistra. Costumados desde muito ao espectaculo d'aquelle suicidio lento, conscientemente

operado, continuavamos a arremeçar com vehemencia uma multidão de paradoxos e sophismas aos quatro cantos do botequim. Entre uma apostrophe violenta de Carlos Garção sobre a Communa de Paris e uma dissertação academica de Julio Telles sobre a Emancipação da mulher, observámos vagamente o dilatar das pupillas de Raphael, o entreabrir dos labios e um movimento de quem se preparava para lançar na balança o peso do seu voto. Julio Telles arrebatado pelo calor da discussão, não percebeu a intenção de Raphael e proseguiu no seu improviso. A monotonia da voz de Julio fizera passar sobre o auditorio uma certa somnolencia e torpor de academia pseudo scientifica. Despertámos d'este estado de fadiga ao ouvirmos a voz vibrante de Raphael proferindo a seguinte interrogação:

— E a Consciencia?...

— Qual? — perguntou Julio interrompendo-se — a do *c* maisculo?

O olhar de Raphael tornou-se momentaneamente fouveiro; foi um relampago. Encheu de novo o copo, encarou-se no espelho collocado em frente da mesa e disse, com voz intercortada

a principio, mas que, pouco a pouco, foi adquirindo firmeza:

— É assim... discutiram tudo: a materia indistructivel, o ideal absoluto — Deus —, a mulher anjo, a mulher demonio, a mulher azemola, — esqueceu-lhes apenas a mulher-*mulher*, — trouxeram para aqui, para a mesa cheia de café entornado e de cinza de charuto, pegajosa e symbolica — symbolica, porque não? — os politicos de toda a casta, os litteratos de todo o feitio, as escholas de todas as classes, e as *fórmas* de todas as bailarinas. Este Julio, admiravel pela ingenuidade do impudor, pela inconsciencia do descaro, condemna a Communa de Paris e o collectivismo na propriedade; ha dois annos defendia tudo isto, fallava a toda a hora da justiça com *j* grande e da consciencia com um grande *c*. É espantoso, mas é logico; é homem do seu tempo e hade ir longe; é tambem como a mesa pegajosa da taberna ou do café: é um symbolo... Meus senhores, tenho a honra de lhes apresentar Julio Telles, aspirante a deputado e membro da Academia, jornalista distincto, moço de esperanças e symbolo da nossa época...

— Bebado! murmurou Julio.

— E bebado tambem — continuou Raphael — mas embebedando-se em casa. N'outro tempo não fazia ceremonias com o mundo, bebia como eu. Eu bebo e não direi porque; não direi mesmo *porque quero*... isso seria descer a explicações e não as dou ao mundo. Bebo.... porque *sim*. É assim mesmo.

Despejou o copo e encheu outro.

— Que collecção de Faustos! Este Carlos, desmamado apenas e sceptico! Sceptico aos dezoito annos... é de se lhe dar açoutes. Passa a vida á esquina da Havaneza, fumando charutos que não paga, (ligeiro movimento de Carlos); não te agastes meu rapaz, não sou o primeiro que t'o diz. Faço justiça aos teus amigos; nenhum d'elles t'o diria; fumam comtigo.... Quem te disse isto já, foi a consciencia do *c* maiusculo!... (Tomou a respiração com força).

— Que collecção! Soberba! Vasta! Incommensuravel como... este adjectivo de muitas lettras! Carlos, o Carlitos, o pequeno sceptico, já não faz a Deus a honra de discutil-o, nem á humanidade, nem ao progresso, nem á sciencia....

O seu deus, o seu ideal, é a santa madraceira, os charutos, o cognac pago nos cafés, uns folhetins que dão colicas á pobre gente e que são tão pegajosos como esta mesa symbolica, os bilhetes de theatro que recebe a redacção do *seu* jornal e o epitheto de *jornalista*. Jornalista, é bom! proseguiu, encarando Carlos; Carlos, meu pequerrucho, não franzas o sobrolho; deixa-me dizer-te o que só é dado dizer-se e ouvir-se quando se tem bebido de parte a parte uns vinte copinhos d'este nectar petrolisado... Acho-te ridiculo: é a primeira phase. Advinho-te a segunda: has de ser deputado e ministro, meu bom Carlitos. Tens a bossa de pedante e o sangue frio do diplomata: és máu e tolo, sem dares por isso, meu velho menino: has de ir longe, sem dares por tal! (Procurando com a vista em redor de si). Falta-nos aqui o Custodio, o sublime Custodio, o das comedias roubadas como n'uma estrada; o Aristophanes de Liliput... Quem o não conhece? Faz comedias allegoricas, epigrammaticas, somnolentas, rabugentas, sem grammatica, sem espirito, sem assumpto, que nauseam, que atordoam, que cheiram a... que não cheiram a rosas

nem a violetas, que são esguias e mal feitas como elle mesmo, o Aristophanes somnambulo da Parvonia occidental... (Encarando o grupo). Eu disse da Parvonia occidental. A Europa, não vamos mais longe; deixemos lá socegados os habitantes de Borneo; a Europa é uma vasta Parvonia, nada de ambições ridiculas! Não queiramos fazer monopolio da toleima, só porque temos Custodio, Carlitos e companhia... Os Carlitos são de todos os tempos e de todos os paizes. São velhaquetes felizes. Não se julgam amarrados a preconceitos. Ensaiam o vôo pela mentira, passam á calumnia e eil-os na estrada. Ultimamente teem soffrido privações. Ha muitos. Custodio é um Carlitos *manqué*. Aqui está o Julio Telles: este sim! respeita-se para que o respeitem. Quando calumnía, quando mente, é em estylo academico e com boa orthographia. Paga os seus charutos, mas lança-os em debito da sociedade. O dia do grande saldo hade chegar. É arranjado, economico e austero; incapaz de tocar no alheio; soffre privações, até, mas... o livro lá está, e a hora das compensações hade vir emfim... (bebendo um trago); eu bem sei o que te

vae n'alma, oh Carlos sceptico: pensas nas calças rotas do Filisberto, um rapaz de genio, honestissimo e cheio de vontade e confrontas na tua imaginação as taes calças com a farda dourada do Gilberto, aquelle mentecapto, ladrão que contém em si os elementos para tres incendiarios e dez fratricidas. Eu bem sei que não te passa d'ahi, d'esse esgalgado pescoço, o espectaculo do Gilberto cortejado e do Filisberto apontado a dedo como idiota... é isso que te dá serenidade no teu desvergonhamento,—não te irrites sem motivo; —alem d'isso, ouves a toda a hora o teu avô conselheiro, patifão sinistro, de cuja cabeceira fugirá a sete pés na hora extrema a legião de diabos que devem conduzil-o aos abysmos, ouvel-o a toda a hora a alcunhar de *petroleiro*, de *doido*, etc., etc., os Filisbertos que fumam cigarro, que usam fundilhos ,que não se descobrem na frente d'elle e que ousam asseverar que Vallés, Milliere e os *demagogos* da Communa de Paris são martyres da causa da Humanidade e que as cans do sr. Adolpho Thiers comparecerão no tribunal da Historia e porventura n'outro ainda, ornadas com diadema vermelho e gotejante d'um grandissimo assassino !...

— São horas, meus senhores — murmurou um creado, aproximando-se — vamos fechar a porta.

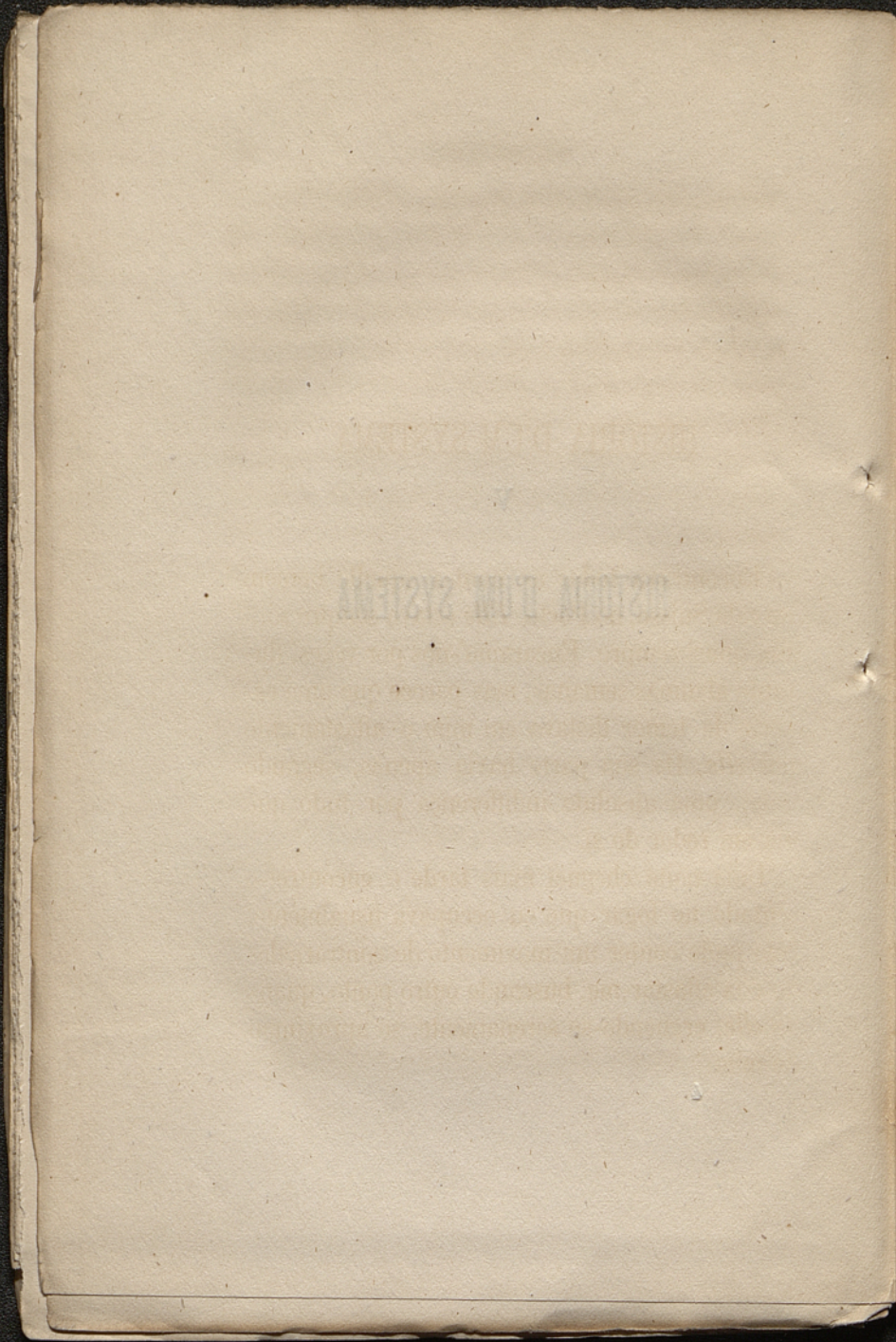
—São horas, bradou Raphael enchendo o copo, são horas! eis a phrase fatidica e o grande epilogo das grandes bebedeiras! Umas vezes é dita pelo Eterno, outras pelo Facundo, que nos traz café. Em Waterloo é Deus quem diz ao homem sombrio: *São horas!* e manda-lhe fechar a porta por Wellington... *São horas!* diz Washington á Inglaterra e fecha-lhe a porta, e surge a grande republica... *São horas!* diz Luthero ao Papado... *São horas!* diz Castellar aos reis... *São horas! meus senhores!* diz o aquelle, o Facundo, o explendido Facundo... o cortez, o amavel Facundo e a porta geme nos ensebados gonsos...

—Já repararam nos gonsos *ensebados?* É um symbolo... o gonso. Na idade media diriamos os *enferrujados gonsos*... o *sêbo* foi a Revolução!... Abençoada Revolução! Vamos para a rua...

Saimos todos. A noute estava fria. Conservaramo'-nos todos em silencio durante a dissertação de Raphael. O pobre rapaz vivia apenas

d'aquellas expansões; fôra crueldade interrompel-o. Ao separarmo'-nos, aproximou-se elle de Julio Telles e, com ar mysterioso, ao accender o cigarro no charuto d'este, murmurou: — O Ideal e o Cognac: — eis a vida... eis o homem...

V

HISTORIA D'UM SYSTEMA

HISTORIA D'UM SYSTEMA

Encontrava todas as noutes aquelle homem no café Suisso, no Porto. *Elle* estava sempre só... Eu, quasi sempre. Encaramo'-nos por vezes, durante algumas semanas, mas parece que uma especie de temor dictava em mim o affastamento por *elle*. Da sua parte havia apenas, segundo notei, uma absoluta indifferença por tudo que via em redor de si.

Uma noite cheguei mais tarde e encontrei-o sentado no logar que eu occupava usualmente. Não pude conter um movimento de contrariedade e ia affastar-me, buscando outro ponto, quando *elle*, erguendo-se serenamente, se aproximou de mim.

Em pé e á luz do gaz pude contemplal-o por algum tempo.

Era magro e pallido, ligeiramente curvado, olhar vago e sombrio, rosto imberbe, cabello negro, revolto e aspero. Vestia de preto, tinha o gesto acanhado e timido, e parecia dominado por um pensamento occulto, tenaz e por vezes febricitante.

Dirigiu-se a mim...

—Peço-lhe desculpa—disse-me com voz um tanto surda e um modo a um tempo frio e polido—ha dois mezes que o encontro aqui: somos quasi conhecidos. É isto que me anima a dirigir-lhe a palavra. Creio que é amigo de M***...

—Verdadeiro amigo, respondi.

Sorriu agradavelmente; sentou-se, convidou-me a sentar-me junto a si, encheu o copo que tinha na sua frente e perguntou-me com affabilidade.

—Gostuma tomar absintho?

—Raras vezes. Adoro em Musset o *poeta*, mas detesto o *bebedor*.

—Faz mal... muito mal! Musset é principalmente *bebedor*. O *poeta* é o resultado, um sim-

ples e fatal resultado. Dá-se o mesmo com outros. Tire a Pöe o alcool e busque a imaginação mais possante d'este seculo!... Creia: O alcool faz o homem, meu caro; a abstenção do alcool é a expulsão do *fiat*. O alcool é a suprema lei; é a concrecção da vida moral. Jesus bebeu!

Pensei no meu parocho.

—Bebeu e bebeu bem,—continuou *elle;*— Renan, entre outros, foi um imbecil: a sua introducção á vida do Mestre traz descobertas scientificas d'este quilate: «A historia é uma sciencia, como a chymica...» Que luz! Imagine que este homem substituia affirmações d'aquella ordem por um estudo intitulado: *Da Philosophia do Alcool*... ou então: *Do Alcool no Christianismo*... Que horisontes, meu caro amigo! Que abysmo!... Que profundo abysmo!...

Encarou-me com ar de curiosidade.

—Conhecia-o já,—disse,—por intermedio de M*** Foi elle quem me preveniu da sua estada no Porto. Este facto coincidiu com o seu apparecimento n'este café, onde venho todas as noutes estudar o homem. Sabia que me tornaria sympathico para si apresentando-me como ami-

go de M*** E por isso que o fiz. Disse-lhe a verdade.

—Julgo advinhar o seu nome, repliquei, não se chama Rodrigo...

—Rodrigo Falcão, interrompeu com vivacidade, e em voz baixa, Rodrigo Falcão em pessoa, mas, tenha cuidado em não pronunciar aqui o meu nome; sou actualmente perseguido pela policia, a qual, felizmente para o meu socego, apenas me conhece o nome. Dei abrigo em minha casa a um refugiado da communa de Paris. Eis o meu crime. Ter-me-hiam recompensado, creio, se o denunciasse; mas n'estas cousas pareço-me com aquelle declamador de Hugo: estou sempre com a menoría. Tem vantagens isto. Desconfio sempre da justiça dos meus actos quando os vejo geralmente applaudidos.

—Começo a entrever o homem tal como M*** o descreve, disse eu.

—Oh!... M*** conhece-me bem. É talvez o unico. Cáe porém n'um grave erro quando attribue o meu *systema* ao organismo, sendo apenas filho da meditação e da experiencia. Regresso ámanhã a Lisboa; quero portanto abrir-me com-

sigo e explicar-lhe o que chamo *o meu systema*. Não vá agora suppor que ando pelos botequins do Porto fazendo prelecções de descrença. Não· Abomino os espectaculos e já deixei de fallar a um antigo conhecido porque o vi collocar a trez quartos a sua reputação de *austero*. Está em moda a *austeridade* e, no fim de tudo, é medida economica e recommendação segura no futuro... Fallo-lhe da austeridade que se apregôa e que me nausêa...

—Permitta que o interrompa: sei que o seu *systema* colloca-o n'um estado crescente de agitação, quando definido. O senhor mata-se lentamente...

—Peço-lhe que não prosiga, disse-me com animação. Vejo que as informações de M*** foram amplas. Fazem-me pensar, essas reflexões, n'um dito curioso de um nosso homem de lettras e homem do mundo: «Creia, Rodrigo; o mundo não vale a pena de luctarmos pelo Bem.» É a opinião geral, no fim de tudo. Creio que lhe respondi aproximadamente: «Creia, Fulano; a nossa tranquillidade não vale a pena de sermos egoistas.» Que me importa a reprovação e a malque-

rença dos outros? Tanto como os applausos. Se não estivesse *em moda* actualmente a palavra Consciencia, diria que é para ella que appello...

Interrompeu-se para contemplar alguem que entrava.

—Repare n'aquelle homem. É proprietario d'uma fundição em Lisboa. Emprega duzentos homens, pelo menos. Aufere da sua industria lucros superiores aos de todos aquelles homens reunidos. É temido por elles. Nenhum operario o vê aproximar-se sem terror. Injuria-os no que elles teriam de mais caro, se reflectissem: na sua honra de maridos e de paes e na sua dignidade de homens. Ha um pacto inconscientemente formado e não registrado, entre esse homem e os seus collegas, cinco ou seis antropoides de igual calibre, pacto que nenhum trahiu até hoje e que consiste em calcar infamemente aos pés os mil ou mil e duzentos desventurados que occupam nas suas roças. Se um dia um d'estes párias pensar em revoltar-se está perdido: expulso da sua officina buscará em vão trabalho n'uma outra: *os direitos do homem* são devaneios de cabeças doidas, meu caro senhor, e prescinde-se

de tal materia n'um estabelecimento fabril. Durante algum tempo fallei com esse homem que acaba d'entrar; julgava-o capaz de regeneração, —eu!—No dia em que lhe dei a conhecer o tedio que me inspirava a sua conducta affastou-se de mim, com applauso de todas as pessoas sizudas. Entre estas houve algumas que nunca mais me estenderam a mão:

—É triste, mas natural...

—Naturalissimo! O que é ainda mais natural, é o terem deixado de fallar-me muitos dos pobres homens cujos direitos eu defendia. Receiam uns comprometter-se. Outros, consideram-me *doido*, pelo menos. Se algum me fallar hoje é por espionar-me. Alguns dos meus vizinhos evitam-me; chamam-me *Communista!* Outros fallam-me com ar rizonho. A pobre consciencia d'estes ultimos infunde-lhes ideias que os aterram. Acreditam, a seu pezar, n'um dia de justiça, ou de victoria dos *doidos perigozos:* buscam de antemão a protecção de um d'elles.

Encarou-me com ar sombrio e continuou:

—A correspondencia semanal que redijo para uma folha estrangeira, tem-me acarretado dissa-

bores, segundo a opinião de muitos; o que é certo é que vivo d'aquelle luctar. Digo o que sinto. Defendo homens e principios, sem me importar com a deusa Opinião e sem esperar gratidão dos defendidos. Quando aggrido sigo igual systema. Isto tem-me trazido amigos... muitos amigos (sorrindo). Outr'ora estudei-os; hoje não. Achei especies variadas e notaveis na collecção: entre outras, a dos *curiozos*, sujeitos que *admiram*, que desejam vêr de perto a fórma do *imprudente;* esses são apresentados no botequim por um da familia dos *Intimos*, outras vezes trazem um album ou um manuscripto e pedem o precizo autographo ou o exame consciencioso; convencidos de que o SUJEITO come e fuma como qualquer simples mortal, desapparecem como por encanto.

... Temos os *Intimos*, continuou; esses, denunciariam mil vezes por dia a pobre victima, chamando-o em voz alta na rua, sob pretexto de dizer-lhe um segredo. São temiveis. Sentem um prazer sinistro indo pelo braço do SUJEITO, tomando café com *elle*, em publico, mostrando as producções *d'elle* com dedicatoria pelo proprio punho do auctor; apresentando-o a todos os im-

becís das suas relações; são, como disse, temiveis.

... Ha os *Velhos*,—proseguiu,—uns que mostram dôr profunda ao ouvir que o SUJEITO soffre uma enxaqueca. Esses correm em tropel a consolal-o, em busca d'um escandalozinho para o *chá*, em cazas particulares. Investigam minuciosamente o que póde existir de lastimoso na vida intima do SUJEITO e chegam a chorar com elle! Sanguesugas do sentimento, estão ao lado do *amigo velho quando elle soffre*, dizem. Prohibem-lhe até a consolação do isolamento e trazem-lhe o insulto do seu dó...

—O senhor é injusto, talvez, n'este momento para amigos dedicados, observei quasi indignado.

—Não creia em tal, redarguiu com vivacidade. Obedeço ao *systema* de que fallei. Quando recebo uma carta, um convite, uma participação d'um facto, etc., busco o *post-scriptum*, não o que todos podem lêr, mas o *post-scriptum occulto*, cuidadosa e rigorosamente occulto... Por outra: busco a *offensa*, a ideia de me beliscarem o orgulho, as crenças e as sympathias; busco com

minuciosidade o elogio a uma ideia, a um principio que detesto, e tal offensa, dictada pelo rancor, pelo ciume, por um simples desejo de distracção malevola, tal offensa, meu caro, lá apparece fatalmente!.., É por isso que o meu isolamento material é maior talvez, ainda, que o isolamento moral. Sei o que pensa n'este momento: «este homem é um paradoxo vivo.» Seja assim. A liberdade de pensamento e a emancipação dos servos foram, são, para muitos, uns paradoxos miseraveis...

Ergueu-se da mesa e dirigiu-se para a porta. Acompanhei-o. Sentia despertar em mim um sentimento de repulsão e de desgosto ao pensar n'aquella descrença meditada, ao passo que me enchia de pavor o immenso vacuo d'aquella alma. Pensei repentinamente em M***, uma grande alma que comprehendera as torturas d'aquella; um bom e leal amigo d'aquelle homem, e soffrendo como elle.

—E M***?—perguntei com olhos fitos nos d'elle.

—Oh, já me tardava a pergunta!—bradou com desespero—M***? O irmão-amigo?! Tenho bus-

cado a offensa... tenho... mas em vão! Que sombria aberração aquelle homem!...

Estendeu-me a mão; contemplou-me durante alguns segundos com ar mysterioso e, ao separarmo'-nos, ouvi-o pronunciar com modo sombrio as seguintes palavras:—«apertou-me a mão com vigor, este homem... irá elle ter dó de mim?!... maldicto!...»

VI

UM CASO VULGAR

UM CASO VULGAR

Passavamos horas inteiras, sentados em frente um do outro, discutindo em silencio, isto é—*pensando*—o Inexplicavel do Visivel. Elle era orphão e pobre; vivia d'uma miseravel mesada, que um tio, sujeito bem conceituado na terra e possuidor de boa fortuna, lhe mandava por conservar serena a facil e boa consciencia. O pobre rapaz não possuía a coragem do *Marius* de Hugo e ia acceitando, cheio de vergonha e de remorso, aquellas provas de affecto que constituiam o vinculo sagrado do seu amor de familia.

Uma tarde, ao voltar para casa, encontrei-o estendido sobre o leito, com os olhos fitos na parede fronteira e os punhos contrahidos. De es-

paço a espaço murmurava palavras inintelligiveis e sorria convulsivamente.

Toquei-lhe no hombro. Voltou-se, encarou-me com ar estranho durante algum tempo; por fim ergueu-se sobre o leito e disse-me com modo sombrio:

—Pensava n'uma cousa horrivel: no dia em que nos venderemos.

Encarei-o com assombro.

—Sim,—proseguiu com desfallecimento,—pensava pela primeira vez n'esse dia de morte moral. Mau é que estas miserias nos assaltem a mente. Sei o que vaes dizer-me: exactamente o que eu tenho dito a mim proprio. Vaes fallar-me das alegrias santas e serenas do Dever... oh, meu amigo! Bem sabes se tenho sido martyr d'esse dever e se tenho luctado com tenacidade e ardor! Bem sabes se tenho importunado as tuas vigilias e o teu somno com o desespero constante do meu luctar. É obscura a minha lucta, sei-o; será infructifera? Não posso crel-o: abre pelo menos um exemplo aos que vacillam, aos recem-chegados. Triste exemplo da fome pela Justiça! Irrisoria aberração!

—Continúa,—disse-lhe, fictando-o.

Encarou-me com altivez e desviou os olhos em seguida.

—Se alguma cousa me tem prendido ao viver sombrio e cheio de miseria em que nos achamos envoltos é a lembrança d'esses dias de provação. Comprehendes que entre mim e os meus ha o abysmo da Intransigencia *apenas*. No dia em que eu der dois passos para transpol-o virão esperar-me de braços abertos á beira opposta. Fiz as minhas provas publicas; crêem na minha superioridade moral; lamentam que eu entrasse no *máo caminho*, n'esse caminho que ainda chamo o *da Verdade*. Meu tio é aferrado, como sabes, á ideia de ter um *homem publico* em familia. Pensou em mim para esse logar...

—Variante possivel da *mulher publica*, interrompi.

O desprezo subia-me em golphadas. *Elle* proseguiu:

—Será assim. Fallas com serenidade, tu, que és só e que a respeito de Futuro *pessoal* só pensas no dia d'ámanhã. Eu, tenho uma irmã, pobre rapariga, que não quizera ver entregue por todo

o sempre ás doçuras d'um recolhimento. A minha familia, a minha doce familia, descobriu um meio simples de castigo: pune-me no amor fraterno. Aquella pobre creança nada tem de commum com a emancipação dos servos nem com a corrupção dos costumes...

Interrompi-o.

—Ha em tudo isso uma certa porção de verdade, embora o caso de tua irmã recolhida seja um mero incidente e uma situação *ad hoc* na comedia-drama d'uma deserção.

—Perdão...

—Mil perdões!... Deixa-me concluir; serei breve. Ha n'estas existencias anormaes de lucta promothêana duas phases distinctas; isto se fallarmos apenas dos que encetam de boa fé essa lucta. A primeira phase é nobre, mas irreflectida quasi sempre. Para os dezoito annos, não gastos em camarins d'actrizes e em saráos do *high-life*, ha sempre seducções estranhas na vida do trabalho e do combate desajudado. Entra-se pois. Succede ás vezes que o neophyto contara, ao entrar na região terrivel, com a camaradagem dos luctadores e com o amplexo dos companheiros de

trabalho no meio do seu labor. A camaradagem nem sempre vem. O amplexo vem raras vezes. Se o neophyto é intransigente de primeira plana, isto é—rebelde a todas as conveniencias e conciliações — corre o perigo d'um quasi total isolamento. Chega-se d'este modo á segunda phase: á da lucta consciente e reflectida. Este é o cadinho temivel de Hugo «em que os fortes saem sublimes e os fracos cheios de infamia!» Bifurca-se ali a estrada. Separam-se os combatentes: uns levam de vencida o resto temivel do caminho sombrio e attingem em vida a immortalidade aos olhos da sua consciencia divina. Os outros põem a preço a austeridade da sua vida passada, da primeira phase em que fallei, e são eleitos pelo seu circulo com immensa maioria...

Interrompi-me para olhar aquelle homem. Escutava com avidez.

—Não é a primeira vez que pensas na deserção. Disseste-lo, é certo, mas é falso. É possivel porém que o ignorasses. Creio até que só hoje te surprehendeste pensando n'isso. Se assim é... não hesites. Vae! D'ora ávante o teu deses-

pero, que era santo, porque traduzia o desanimo vencido pela Fé, será comico, miseravelmente comico, porque será a expressão do abatimento do teu espirito, disfarçado pelas conveniencias do teu papel...

Ergueu-se repentinamente; encarei-o. Tinha os olhos vermelhos e humidos. Quiz fallar, mas a voz seccou-se-lhe na garganta.

—Lagrimas, quando se possue um tio rico e uma cadeira de deputado em perspectiva?! Não me surprehenderás os sentimentos de piedade; —disse-lhe indignado,—guardo-a, a piedade, que não exclue a inveja santa, para os que morreram na brecha cobertos d'insultos, de escarneo e de maldições! Para os que esmorecem miseravelmente, tendo ao seu lado o espectaculo da miseria alheia, conservo tambem a piedade, mas essa não exclue o despreso...

—És severo até á crueldade,—disse-me, com ar desesperado,—não quero dizer-te que era uma prova o que me ouviste, porque mentiria; oh, meu amigo! Seja-nos licito o esmorecimento momentaneo... Sabes que é preciso coragem, muita coragem, não é assim? Perdôa tudo isto:

são impressões d'um outro mundo, que passam, para não volverem...

—Seja assim, respondi, estendendo-lhe a mão.

....

Affastei-me de Lisboa durante algum tempo, tres mezes, apenas. Ao voltar preveniu-me um visinho de que o meu antigo companheiro de quarto abandonára aquella casa logo depois da minha partida. Não achei solução immediata para aquelle problema. Sahi, a colher informações.

Encontrei no Rocio um amigo antigo, que por vezes me visitara no meu albergue e que conhecia de perto o meu antigo companheiro. Aproximei-me d'elle...

—Sabes de F***? perguntei.

N'este momento uma velha tremula e coberta de andrajos parou em frente de nós e abaixou-se para apanhar do chão um bocado de pão duro e enlameado. Ao mesmo tempo passava com estrondo um esplendido *coupé*. Uma das rodas deu na pobre mulher e lançou-a por terra. Olhámos para dentro do trem e soltámos uma dupla exclamação. Ao fundo, recostado negligentemente e fumando um charuto pyramidal, descobrimos

o vulto nédio e transfigurado do meu antigo companheiro.

A velha erguera-se gritando. O ex-doido debruçou-se da portinhola, encarou-nos com admiravel expressão de ironía e arremeçou á mulher atropellada—dez tostões.

Encarámo-nos com ar de envergonhados, e caminhámos silenciosos por algum tempo. Afinal o meu interlocutor rompeu o silencio, para dizer com ar de veneração:

—Ha de ir longe aquelle rapaz.

—Já o suspeitava, repliquei, mas não é isso o que me preoccupa...

—Então...?

—Seriam para nós os dez tostões?...

VII

ELLES...

ELLES...

É n'um sotão em fórma de corredor, tendo em cada extremidade uma janella e ao longo da parede tres mezas carunchosas, gordurentas, flanqueadas de bancos, por igual gordurentos e carunchosos.

A noite está fria e humida.

É tarde já. Duas horas, talvez.

Na casa de baixo conversam o cosinheiro e dois creados da taverna.

Em cima, no sotão, estão *elles*.

Occupam a mesa central.

As janellas estão fechadas.

A luz do gaz alumia frouxamente o recinto.

Estão ali sete. Reina desde alguns momentos um silencio profundo...

Subito uma voz grave e solemne fez ouvir as seguintes palavras:

—Não vejo senão uma solução.

Attenção geral. A voz proseguiu:

—Recapitulemos: Trata-se da eleição de presidente. No meio da reacção que se opera lenta e inconscientemente contra a *exploração auctorisada*, (do Capital), contra o *roubo official* (do Estado);—permittam os collegas que use das palavras de que se servem os rebeldes,—no meio d'esta reacção ameaçadora é forçoso entrever proximos e graves attentados contra o nosso bem estar, contra as instituições e contra a Ordem, base e garantia da prosperidade publica e do bem-estar do paiz que nos deu o ser.

(Pausa).

—Arranquemos a mascara,—continuou o orador,—mas, entre nós apenas. Conhecemo'-nos, é certo, mas superficialmente. É mister muita franqueza. Tenhamos o que os nossos inimigos chamam—o cynismo no crime: apresente cada um

de nós os seus titulos á consideração dos seus collegas...

Interrompeu-se por momentos. Os comensaes encararam-se a furto. Elle proseguiu:

—A sociedade em que vivemos, isto é—a maioria,—consubstancia-se em nós: somos uma synthese gigantea. Respeitamo-nos e mutuamente nos temos procurado, mourejando no commum empenho de firmar o Estabelecido em bases solidas, collocando-nos e aos nossos filhos ao abrigo das tentativas d'uns miseraveis que pensam em salvar o mundo sem terem o necessario para viverem...

(Apoiados).

—É preciso, senhores, que pensemos no futuro de nossos filhos...

(Alguns dos membros do auditorio levam o lenço aos olhos).

—Á associação opponhamos a associação, continuou. *Elles* teem por si a intelligencia, o estudo, a probidade e o fervor da crença,—estamos sós, sejamos francos:—*elles* vencerão! Demorar essa hora funesta; alongar o periodo de transição é o mais a que podemos aspirar: seja esse o nosso empenho!

(Nova pausa).

—Somos analfabetos, proseguiu, somos apontados a dedo como devassos, como sanguesugas do povo;—sejamos ainda mais francos, senhores:—reina a covardia nas nossas fileiras... não importa!—Unamo'-nos em cruzada *santa*. Somos o Capital e o Estado: termos que mutuamente se explicam, ideias que mutuamente se completam, entidades que mutuamente se auxiliam. Somos ainda o poder; é a nossa covardia que nos prepara a queda, notae bem!—Tenhamos a coragem dos nossos actos: Solidariedade absoluta!—Eis a salvação!...

(Muitos apoiados.)

—Trata-se de escolher um presidente. Temos discutido largamente o assumpto. Ha pouco fallei-vos d'uma solução por mim encontrada. É simples: recorramos á *biographia*. Seja o presidente o mais criminoso de todos nós, o mais independente, aquelle que arremeçou valentemente para longe de si o fardo d'uma consciencia importuna.

(Novos applausos).

—Por mim, arranco d'uma vez a mascara e

peço-vos que imiteis o meu exemplo: Cumpre não empallidecer durante a narração dos proprios actos. Somos criminosos, sabemol-o. Para mim, o grande criminoso é aquelle que não procede systematicamente: matae muito embora alguem; roubae esse alguem; explorae a viuva e os orphãos em seguida e estareis justificados: ha um plano preestabelecido. Triste criminoso aquelle que obedece apenas á sua organisação ou ao impulso d'uma paixão violenta! Esse, seria, no dia immediato ao do seu crime, um homem de bem, se a sociedade previdente não tomasse sobre si o encargo de o arrojar ao abysmo da ignominia, despresando a ideia de regeneração!... São simples os meus principios na sua exposição,—proseguiu,—formulei uma variante á opinião de Montesquieu sobre os povos da peninsula hispanica e applico-a aos nossos contemporaneos:—A sociedade condemna ao degredo, annualmente, um determinado numero dos seus membros afim de fazer acreditar nas virtudes da immensa maioria...

(Prolongados applausos.)

—Emquanto a mim,—proseguiu, depois de

terceira pausa,—não me alongarei em absurdos pormenores e peço-vos que observeis se existe no meu rosto uma contracção que exprima um sentimento de magua ou de arrependimento deshonroso... Apunhalei meu avô, homem de 80 annos, que teimava em viver, possuindo uma fortuna regular, de que eu era unico herdeiro. Era, como disse, regular a fortuna por mim adquirida: nunca se descobriu o assassino. Vivo feliz: mereço hoje a vossa estima e tenho influencia illimitada no circulo... a que pertenço.

Sentou-se. O auditorio nem pestanejou.

—Eu,—disse, erguendo-se, o segundo commensal,—pedirei que me dispensem do exordio. Perfilho as theorias do nosso illustre collega e só teria de repetir na minha palavra rude o que tão eloquentemente foi por elle exposto:—Sou monarchico, como sabeis e conservador como o mais conservador de todos nós. Achava-me em Paris durante a insurreição da Communa. Aproveitei a confusão dos ultimos dias para *arranjar-me:* prestava dois serviços: o primeiro—todo pessoal; o segundo era prestado á nossa causa: desacreditava aquelles homens. Sobre elles cahiu

a responsabilidade de quantos roubos foram praticados por alguns amigos nossos... Mais tarde quando o partido da Ordem assumiu de novo o poder completei a obra que encetára: nos meus dias de *representação* fui recolhido por uma familia de exaltados, os quaes,—diga-se a verdade,—me trataram como seu filho. D'essa familia, composta de marido, mulher e dois filhos, morreram nas barricadas os dois ultimos, gritando como aquelle pobre Duval: *Viva a Humanidade!* Em testemunho de reconhecimento pela parte que me cabia n'esta saudação, denunciei ao governo de Thiers o pae e a mãe d'aquelles heroes. Foram fusilados, já se vê... A terra lhes seja leve!...

Ouviu-se um murmurio de approvação. *Elle* sentou-se. Levantou-se um terceiro.

—Sou padre,—disse com ar grave e solemne;—roubei os vasos sagrados da minha egreja e apunhalei o sachristão meu cumplice. Chegou a Roma, á hora em que vos fallo, a reputação da minha piedade. Espero com tranquillidade a minha hora extrema. Serei canonisado depois da minha morte. Entretanto, vivo sem remorsos e fulmino a impiedade do meu seculo...

Silencio profundo.

—Sou natural da Alsacia,—disse, erguendo-se, o quarto socio;—durante a guerra franco-allemã, minha familia, composta de *patriotas*, distinguiu-se na resistencia; mais tarde distinguiu-se nos protestos. Estas glorias enchiam-me d'inveja; resolvi distinguir-me por meu lado: durante a guerra servi de espião ao exercito prussiano; mais tarde denunciei os meus como tendo assassinado alguns soldados do exercito invasor. D'esta minha regra de conducta auferi bons proventos. Não me resta a sombra d'uma duvida sobre o direito que me assiste gosando serenamente a minha fortuna...

(Murmurio approvador).

—Sou espião do governo do meu paiz, murmurou, com ar sombrio, o quinto socio—góso da confiança dos governantes. Apedrejam-me alguns:—invejosos!...—no fim de tudo ha sempre quem me estenda a mão, e, como os preconisados homens de vida limpa, tenho tambem uma consciencia que me applaude... Tenho, mais do que elles, seguro o pão da minha velhice...

—Esse homem tem o remorso no rosto,—

bradou o padre com indignação,—oh meu filho, ha sempre na vida uma hora para o arrependimento; a sabedoria humana consiste em fazer que seja essa hora *a ultima.* Conta com as alegrias do céo; afugenta essa dôr, esse remorso...

—Não é remorso, meu padre, interrompeu vivamente e em voz baixa o interpellado: é apenas a inquietação em que vivo. Oh, enganaes-vos, —bradou, a um movimento do padre,—enganaes-vos se julgaes que me amedrontam os assomos da indignação publica: o que me afugenta o somno e em sonhos me persegue é *a turba de concorrentes ao meu emprego...*

O padre apertou-lhe a mão. Elle sentou-se de novo. Ergueu-se um outro socio.

—Sou industrial,—disse.—Emprégo quinhentos homens no meu estabelecimento de lanificios. Exploro-os, a ponto de os obrigar ao recurso do roubo. Muitas das mulheres, filhas e irmãs d'estes homens vendem-se, afim d'accudir ás exigencias do viver domestico. Pago a alguns jornalistas rasoaveis, artigos substanciosos contra as pretenções da classe operaria. Inspiro a alguns noticiaristas varias admoestações sisudas

contra as demasias da mesma classe. Para isto escolho os jornalistas gordos e bons catholicos. Ás vezes suicida-se um dos meus rebeldes. O meu jornalista fulmina-o em nome da religião e da moral e eu vingo, a um tempo, n'aquelles miseraveis o Capital que os explora e o Estado que nos protege.

Calou-se. A assembléa deixou ouvir um murmurio de respeitosa approvação e parecia esquecer o ultimo socio, quando este se levantou.

—Serei breve, meus senhores,—disse com voz grave e severa,—*penso em ser ministro e trabalho por isso...*

Então... então... aquelle grupo sinistro, diabolico, espantoso, ergueu-se violenta e convulsivamente e estendendo as mãos para aquelle homem, sereno e grave, bradou em côro formidavel e levado por impulso irresistivel:

—*É elle... é elle... o Presidente!...*

VIII

AINDA A HISTORIA D'UM SYSTEMA

AINDA A HISTORIA D'UM SYSTEMA

Encontrei M*** ha poucos dias em Lisboa.

—E Rodrigo Falcão?—perguntei-lhe.

Tirou da algibeira uma carta já aberta e entregou-m'a sem proferir uma palavra.

Eis o que eu li:

«Meu irmão.—Existem na vida do homem, ainda a mais avergada de todas as vidas, certas horas de consolo que nos reconciliam com tudo e todos. E' como que uma perpetua expansão. N'uma d'essas horas o adversario mais implacavel da realeza cortejará o rei com um sorriso affectuoso, n'um d'esses momentos eu beijaria a mão do meu proximo e seria capaz de conceber

o mais nefando pensamento: crêr na *Virtude pela Virtude.*

Eis o abysmo! Andava satisfeito commigo mesmo desde algum tempo: descobrira uma d'estas cousas vulgares para quem as estuda com afinco, medonhas para quem vae maré abaixo dos *affectos puros:*—descobrira que Jorge S* * *, aquelle homem que, *aos quarenta annos, tem ainda uma vida immaculada*—É IMBECIL, com a circumstancia attenuante de conhecer o proprio merito.

D'aqui—ondas de luz sobre aquella honestidade, collocada ora de frente ora a tres quartos diante do publico, esta collectividade immunda, respeitavel para os dentistas, saltimbancos e noticiaristas... o nosso homem achara-se estupido mais do que é permittido sêl-o a um doutor em philosophia. Ao contrario dos philosophos portuguezes, o nosso homem *pensou.*

Pensando, resolveu *distinguir-se.* Estou ouvindo aquelle miseravel: «Não vejo senão um modo de tornar-me distincto nos tempos que vão correndo e n'esta Sociedade devassa: é ser *honesto.* Sejamos honestos!»—E envergou a toga

da honestidade como enverga de manhã a sobrepeliz aquelle homem da egreja que foi nosso *amigo* e companheiro...

Descoberto isto, julguei-me feliz e era-o por julgal-o. É transitoria e bem rapida a felicidade n'este velho mundo empoeirado e pegajoso. Foi bem curta a minha felicidade.

Ha dois dias estava eu no meu quarto occupado em... podia dizer-te que *em ler Kant*, mas, mentiria... eu occupava-me em enlamear, com terra dos meus vasos diluida em agua, a parte dianteira das minhas botas, occultando-lhes d'este modo as fendas.

Occupava-me n'este mister, pensando em... ou antes não pensando em cousa alguma, quando fui interrompido por duas pancadas na minha porta.

Abri-a...

Lembras-te de Julieta, aquella Julieta nossa visinha, visinha do lado, com quem durante horas inteiras me aborreci e elucidei, em colloquio cheio de phrases biblicas e a quem abandonei ao cabo de seis mezes, por lhe descobrir á luz do gaz, dois cabellos brancos? Era ella. Larguei no chão as botas e recuei...

Ella entrou, hirta e magestosa, sentou-se, ergueu o véo, como nas scenas de reconhecimentos inesperados, e mostrou-me uns olhos inchados e vermelhos, reveladores, apparentemente, de muitas lagrimas...

Lembrei-me, casualmente, de que aquella mulher podia ter bebido. É *florianica* e eu creio que ao idyllio succedeu a reacção alcoolica... Emfim, esperei, encarando-a.

De repente atirou-se-me aos pés...

—Rodrigo, meu amigo,—bradou ella, abraçando-me os joelhos, que eu forcejava por livrar do amplexo,—soffro muito, muito... Sabes que durante o dia trabalho com minha mãe, trabalhamos juntas em frente uma da outra, na janella. Ninguem vae ver-nos. Juro-te. Ás tres horas interrompo o trabalho para vêr-te passar pela travessa. Nos primeiros dias fiz isto sem que minha mãe o soubesse. Depois... coitada! descobriu *tudo* e perdoou-me. Falla-me de ti, porque me vê alegre e risonha então. Tu nunca saberias, nunca, meu bom amigo, que eu vivia d'esses momentos em que te vejo se não deixasses ha dias de passar por ali... Assustei-me, foi sem motivo decer-

to, porque tu és bom e incapaz de privar-me da minha consolação, da minha hora unica de ventura... Pareceu-me que terias descoberto a minha importunação e fugido de mim. Mas, não é verdade, não, meu querido amigo?...

Levantei-a, obriguei-a sentar-se e reflecti, emquanto ella, occultando parte do rosto com o lenço, soluçava...

—Qual será o movel d'esta resolução? interroguei-me. Julieta... de ordinario timida e incapaz de sair á rua sósinha, atreve-se a penetrar no antro d'um rapaz solteiro! E chora deveras, a pobre mulher! Tudo por ver-me passar á esquina d'uma rua... Que diria M* * *, que diriam esses que me alcunham de *cynico*, se me vissem aqui, n'este momento prompto a chorar com esta mulher?! Que miseria!... Eis uma situação aproveitavel para um dramaturgo sem ideias, como os nossos!

Olhei-a de novo. A pobre rapariga continuava a soluçar. Commovi-me. Pedi-lhe que esperasse um momento e fui a um quarto interior, em busca d'um retrato meu para offerecer-lhe como lembrança do *ente amado*. Como vês, precipitavam-se os acontecimentos...

Demorei-me uns dez minutos. Ao voltar, trazendo a ventura á pobre mulher, busquei-a inutilmente com a vista. Tinha desapparecido.

—Cançou-se de esperar; julgou que a disfructava talvez... Pobre creatura. Mandar-lhe-hei o retrato hoje mesmo...

Subito, olhei para as botas; tinham sido removidas do logar em que as deixara; a ligeira *codea* de lama que occultava os buracos tinha cahido...

Comprehendi tudo. A pobre mulher descobrira os artificios do *objecto da sua paixão* e sacrificara-se abandonando-me...

Olhei para cima da mesa em busca do meu relogio e de alguns cobres que ali deixára. Ainda lá estavam. Lá vaes fallar-me da *Probidade* de Julieta... Coitada... foi apenas um esquecimento...

Achava-me alliviado d'enorme peso com a partida de Julieta; quando tu me dás, inesperadamente, uma prova de dedicação tal que não sei de Balzac capaz de descobrir nas suas excavações do sentimento uma aberração de tal natureza...

Estou desasocegado, triste, doente. Vou passar alguns dias no campo, mas bem no campo, longe de todos, longe de tudo. Busquei com ardor o motivo *secreto* do teu procedimento. Vejo com desespero que não existe. Beijo-te as mãos.»

—É sempre o mesmo homem: reproducção do Javert dos *Miseraveis*, disse eu terminando a carta.

—Sim;—accrescentou M*** —ha apenas uma ligeira variante: em Javert desapparece o Homem por detraz da Lei; substitue a Lei pela Justiça:—ahi tens o Javert que estimamos;—é o puritano dos nossos dias: a nova Crença, firmada na eterna Duvida.

FIM.

IX

AOS QUE LERAM

AOS QUE LERAM

Essas paginas que ahi ficam constituem de certo modo o cumprimento d'uma promessa. Apparecêra em tempos a noticia d'uns *Contos phantasticos* em via de publicação. Realisa-se hoje o promettido, aproximadamente pelo menos.

A *fórma* d'esses *contos* é subversiva, como a ideia que n'elles reside. Julga-se livre de condemnação severa o auctor, por esse motivo: o livro é um producto do *meio* onde brotou. O pamphletario transparece no seu novo tentamen litterario. Não sei quem chamou ao pamphleto «um indispensavel absurdo...» Vale-me o adje-

ctivo, que é por si uma synthese largamente meditada e profundamente concebida.

No prefacio disse, creio, que é talvez um *livro intimo*—este que ahi fica. Tudo se concilia. Não ha incoherencia n'estas affirmações.

Sabem os que de perto assistiram á agonia de muitas horas, separar talvez, do cauterio na gangrena social o balsamo derramado nas feridas proprias. Feridas da alma, para as quaes só conheço o balsamo da expansão que uns braços amigos nos recebem...

Acoimado *d'inconoclasta* tem sido o auctor d'estas linhas. Congratula-se com o anathema inseparavel da classificação e vê n'esta o seu maior titulo de gloria; talvez o unico... Vae larga a época do thuribular abjecto e da mutua adoração; não sei se resistiram á lepra terrivel todos os que protestaram contra ella na hora primeira da reacção violenta...

Ha riso á larga para os esforços do obreiro isolado. Ha estupidez á farta a oppor-lhe como insuperavel barreira. Ha tirocinio de sobra para a resistencia traiçoeira e perfida. Ha descaro inexaurivel para neutralisar os protestos mais

vigorosos e a mais santa e pura indignação. Ninguem pergunta ao recem-chegado quaes são as suas provas publicas; ninguem lança em conta da sua *auctoridade* a sua *austeridade*. Ninguem lhe louva a coragem. Ninguem lhe abençôa os impetos. A resistencia é surda,—infame tambem, é certo,—mas silenciosa, e o publico, o *publico* dos cartazes e dos folhetins, não pede ao *maldicto* contas do seu trabalho: pede-lhe *cartas de apresentação...*

Por si, confessa mais uma vez o auctor e cheio de orgulho,—de nobre e santo orgulho,—que as não possue. A *chancellaria official* não dá diplomas litterarios nem diplomas de moralidade; pelo contrario: macúla sempre os caracteres honrados que fraquejaram, e anulla, tambem para sempre, as vocações firmes que surgiram...

Ardua tarefa é a que consiste em arrancar a mascara aos Escribas e Phariseus da imprensa venal, aos homens ridiculos, que a geral ignorancia arvorou em potentados e que se arvoram, elles —os devassos!—em aquilatadores do caracter alheio; elles—os nescios!—em aquillatadores do alheio merito! Mas, se a vergonhosa indifferença

d'uma turba morta para a imputação auctorisa o tripudear das nullidades, solte-se ao vendaval que vem de fóra a voz serena e impassivel que a Consciencia do Dever auctorisa, formulando o seu protesto!

S. P.

INDICE

PUBLICAÇÕES DO AUCTOR